

RESGATE DA MÍSTICA NA LITURGIA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II¹

*Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa**

RESUMO

Este estudo é desenvolvido em quatro partes. A primeira parte define o que é mística, enquanto experiência pascal que extasiava as comunidades primitivas e que, de certa forma, se alojou nas apologias e bênçãos da Idade Média. A segunda parte trata da rígida uniformidade que se instalou na liturgia a partir do Concílio de Trento, prejudicando a entrega ritual que a mística extática exige. A terceira aborda o Movimento Litúrgico como a fonte do resgate da mística na liturgia. A quarta, por fim, trata do resgate da mística a partir do Concílio Vaticano II, mostrando que é uma mística que leva à participação litúrgica ativa porque é de cunho extático.

Palavras-chave: Mística, Mistério Pascal, êxtase, participação ativa.

ABSTRACT

This study is developed in four parts. The first part defines what is mystical, while paschal experience that enraptured the primitive communities and that, of certain form, it lodged in the apologies and blessings of the Middle Age. The second part deals with the rigid uniformity that has taken place in the liturgy since the Council of Trent, hampering the delivery ritual that requires the mystical ecstatic. The third deals with the Liturgical Movement as the source of mystical redemption of the liturgy. The fourth, finally comes to rescue of the mystique from the Vatican Council II, showing that it is a mystique that leads to active liturgical participation is because stamp ecstatic.

Key-words: Mystic, Paschal Mystery, ecstasy, active participation.

¹ Este texto foi preparado em vista de dois dias de conferência que o autor realizou sobre o tema, no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), em Belo Horizonte, nos dias 9 e 10 de junho de 2009.

* Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa, Doutor em liturgia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo, Roma, professor e diretor titular na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP.

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica vive sob impacto de um dos maiores eventos de sua história, que é o Concílio Vaticano II. No bojo deste evento, está a reforma geral da liturgia, realizada logo no início, abrindo assim um caminho que marcou todo o trajeto conciliar. Mais de quatro décadas passadas, é necessário buscarmos nas fontes da própria reforma as luzes que nos ajudam a compreender a grandeza dos avanços e o porquê das falhas em algumas aplicações conciliares. Isso para que nos projetemos de forma lúcida e perspicaz na aplicação do sonho que o Concílio representa. Este sonho com certeza aponta para a mística, que na liturgia tem seu espaço mais natural. A mística na liturgia foi espetacularmente resgatada pela Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, mas não posta em prática como se esperava. O futuro está em nossas mãos e, como profetizou Karl Rhaner, “o cristão do futuro ou será místico ou não será nada”.² Jesus Cristo é a presença de Deus, que deixou o cimo da montanha para habitar conosco no vale da história, tornando-se Palavra para ser ouvida, Pão para ser comido, Sangue para ser bebido, enfim, um Deus para ser conhecido, amado, assimilado, seguido e cultuado na intimidade. Em outras palavras, um Deus com o qual mantemos relações amorosas. Só um místico percebe o alcance disso.

1. O QUE É MÍSTICA

Antes de falarmos em resgate da mística a partir do Concílio Vaticano II, convém definir o que é a mística, pois, como diz Paul Tillich, “é indesculpável se um teólogo usa termos sem tê-los definido ou circunscrito”.³

É bom lembrar que “durante séculos foi impossível separar o conceito e o campo da mística do conjunto da teologia”.⁴ Somente a partir de Bernardo de Claraval (1091-1153) é que o tratado da mística começa a ter vida própria. Alguns séculos mais tarde, porém, o conceito de mística

² Citado por COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*; a participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 14.

³ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2000, p. 68.

⁴ HUOT DE LONGCHAMP, Max. Mística. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1161.

perde toda a precisão desde que Rousseau (1712-1778) e os românticos entenderam a mística como a dimensão irracional do fenômeno religioso. Aí vemos a vertente iluminista da filosofia, que aprisionará a mística no porão da ignorância. Nesta linha, a definição de religião por Schleiermacher como “sentimento de dependência absoluta” levou os seus discípulos a situá-la no reino do sentimento, como uma função psicológica qualquer. Isso provocou o banimento da religião para a margem irracional das emoções subjetivas. Tillich considera tal banimento uma inaceitável pena de morte para a religião.⁵

Usaremos, então, o sentido mais clássico da mística cristã, que consiste numa nítida percepção de Deus por meio de uma profunda experiência do Mistério de Cristo.⁶ As três palavras-chave para a compreensão do fenômeno místico são, portanto: “experiência”, “mistério” e “Cristo”. Neste trinômio, o que diferencia a mística do discurso teológico, por exemplo, é a “experiência”. Então, para facilitar, usaremos o termo “mística” significando a “experiência” da participação no mistério de Deus revelado em Jesus Cristo ou teologia primeira, e o vocábulo “teologia” com o significado de “discurso metodológico sobre esta experiência” ou teologia segunda.

Segundo o *peregrino querúbico*, obra prima de Angelus Silesius (1624-1677),⁷ podemos também dizer que a mística é a capacidade de ver Deus

⁵ TILLICH, *Teologia sistemática*, cit., p. 23.

⁶ HUOT DE LONGCHAMP, *Mística*, cit., p. 1162.

⁷ Angelus Silesius (o Anjo da Silésia) é o nome com o qual Johannes Scheffer assina a sua obra-prima, *O Peregrino Querúbico*. Nasceu em 1624, em Breslau, na Polônia. Nascido em uma família luterana de posses, recebeu uma formação clássica. Estudou medicina em Strasbourg, Leyde e Pádua. Doutor em filosofia e medicina, tornou-se médico do príncipe de Öls, frequentando círculos místicos e ligando-se a Abraham von Franckenberg, discípulo de Jacob Boehme. Foi luterano fervoroso até os 29 anos. Um ano após a morte de seu mestre, Scheffler converteu-se ao catolicismo em 1653, tomando o nome de Angelus Silesius. Passou a viver em retiro e silêncio durante três anos, e publicando vários poemas. Ordenou-se padre em 1661, com 37 anos. Herdeiro da grande tradição de Eckhart e Tauler, mas também de Boehme, Angelus Silesius lhes deu uma expressão poética ímpar, além de qualquer formulação confessional. Deus é indefinível, ao mesmo tempo Tudo e Nada, Ser e Nada. Diante de seu Criador, o homem não é nada e no entanto nele somente, que é “à imagem de Deus”, este pode se contemplar. O homem deve assim abandonar-se totalmente, esvaziar-se de si mesmo, para tornar-se aquilo que verdadeiramente é: um reflexo divino e, deste modo, eterno. *O Peregrino Querúbico* influenciou muitos filósofos alemães, sendo reconhecido como uma das formulações mais notáveis de uma mística que supera toda e qualquer convenção. Cf. <http://coracaomistico.blogspot.com/2007/12angelus-silesius.html>; VANNINI, M. Silésio, Ângelo. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003, p. 970-971.

agora: “Tu dizes que verás a Deus e a sua luz; estulto nunca o verás se não o vê agora”.⁸ Então, a mística é a experiência da visão de Deus que se dá na contingência da história, fundindo o sobrenatural e o mais íntimo do ser humano nas profundezas misteriosas da intimidade homem-Deus, onde o encontro se dá. Encontro que Agostinho afirma ser inútil buscar fora do íntimo do homem, pois é lá que somos arrebatados e nos deixamos possuir pela beleza divina. Daí brota a experiência da graça de forma sensível e indizível, produzindo na alma a festa do encontro com Cristo.⁹ Esta experiência se dá, então, no âmbito do sagrado, mas não de um sagrado em oposição ao profano e sim de um sagrado na perspectiva de A. Vergote, como a experiência da dimensão mais profunda da existência, onde aparecem o valor e o destino quase religioso da existência humana e do universo.¹⁰ Isso significa que todo ser humano tem uma propensão mística natural. Desta forma, Karl Rahner entende pessoa humana como *homo mysticus*, ser extático criado para confiar-se voluntária e amorosamente ao Mistério, que se doa inteiramente e abraça a todos.¹¹

2. A MÍSTICA DAS COMUNIDADES PRIMITIVAS

Para resgatar a mística que brota da reforma conciliar, convém resgatar a mística das comunidades primitivas, onde o Concílio Vaticano II buscou suas inspirações. Podemos destacar três características relevantes da mística vivida, sobretudo, na liturgia das comunidades primitivas: era realmente uma teologia primeira, tinha caráter extático e comunitário.

Era uma teologia primeira, porque o dado experiencial da fé já traz em si uma compreensão da revelação antes de ser articulado metodologicamente num discurso (teologia segunda). E, justamente, só é possível fazê-lo porque se trata de uma compreensão nítida e luminosa, e não enigmática como o sorriso da Mona Lisa. Por isso, mais do que explicar, a Igreja primitiva se preocupava em celebrar a fé e aí perceber essa presença luminosa de

⁸ SILESIO, A. *Il pelegriño cherubico*. VI, 115, citado por DEL GENIO, M. R. Mística. In: BORRIELO, *Dicionário de mística*, cit., p. 706.

⁹ Cf. HUOT DE LONGCHAMP, Mística, cit., p. 1162.

¹⁰ Cf. VERGOTE, A. Equivoques et articulations du sacré. In: CASTELLE, E (ed.). *Le care; études et recherches: actes du colloque international de Rome*. Paris: s.n., 1974, p. 471-492.

¹¹ Cf. EGAN, H. D. Rahner Carl. In: BORRIELO *et al.*, *Dicionário de mística*, cit., p. 907.

Deus clareando os caminhos da vida. Era algo tão central, que podemos situá-lo no que Tillich chama de *preocupação última, aquilo que determina nosso ser ou não ser*.

O termo “ser” neste contexto não designa a existência no tempo e no espaço [...], mas a totalidade da realidade humana, a estrutura, o sentido e o alvo da existência. Tudo isso está ameaçado, pode ser perdido ou salvo [...]. O homem está incondicionalmente preocupado com aquilo que condiciona o ser para além de todas as condições nele e ao redor dele. O homem está de forma última preocupado com aquilo que determina o seu destino último para além de todas as necessidades e acidentes preliminares.¹²

Nesta dinâmica da articulação entre teologia primeira e teologia segunda, a experiência de Deus em sua particular dinâmica celebrativa e o discurso inerente estão entrelaçados. O exemplo mais claro vem dos Santos Padres, que falavam de Deus com uma inteligência acurada de quem tinha uma profunda experiência de Deus na dimensão celebrativa do Mistério. Conforme Cesare Giraudo, isto faz parte de uma metodologia que marcou o primeiro milênio, quando os teólogos “*primeiro rezavam e depois criam, rezavam para poder crer, rezavam para saber como e o que deviam crer*”.¹³ Porém, a partir do segundo milênio, quando a teologia se torna uma obra da escola, e a oração uma atividade circunscrita à igreja ou ao foro íntimo, também houve a separação entre teologia e mística, de tal forma que o teólogo, salvo honrosas exceções, foi para as universidades pesquisar e postular seus discursos teológicos, enquanto o místico foi para o seu oratório rezar e buscar caminhos de aplicar a santidade no dia a dia. Esta dicotomia causa um enorme mal na Igreja, pois a fé, de cujo conteúdo a teologia constitui uma explanação metódica,¹⁴ é, antes de tudo, o deslumbramento diante de Deus, a quem o crente se entrega confiantemente. Como diz Paul Tillich, o teólogo, ao contrário de outros pesquisadores, não pode se distanciar do seu objeto pesquisado, está envolvido nele numa atitude de comprometimento com o conteúdo que expõe. O teólogo é determinado por sua fé.¹⁵ Então o

¹² TILLICH, *Teologia sistemática*, cit., p. 22.

¹³ GIRAUDO, C. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 10.

¹⁴ Cf. TILLICH, *Teologia sistemática*, cit., p. 33.

¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 28-29.

discurso teológico sem mística fica sem chão, e a mística sem o discurso teológico fica sem ar.

A mística das comunidades primitivas tinha também um profundo cunho extático, pois como diz M. R. Del Genio, “a mística cristã originariamente não era esotérica, mas extática, e tem como fundamento Cristo morto e ressuscitado”.¹⁶ Portanto, a mística não era uma experiência reservada a uns poucos iluminados, mas a todos os que se deixavam extasiar pela pelo mistério de Cristo. O encontro com Jesus arrebatou gente de todas as camadas sociais do Império Romano e forjou uma situação que o império teve de assimilar. Mas era na reunião litúrgica dominical que a mística manifestava o seu auge. Era aí que se vivia o êxtase, isto é, o encantamento experimentado no mergulho do mistério pascal propiciado por uma liturgia que tinha sinais da liturgia celestial. Por isso é muito provável que, diante dos tormentos do martírio, os que estavam para serem sacrificados por Cristo encontrassem força sobrenatural cantando hinos litúrgicos. E também podemos afirmar: os que viviam esta experiência extática na liturgia jamais deixaram de celebrar sua fé regularmente, enquanto os que a perdiam desestimulavam-se; daí a necessidade da insistência pastoral em relação à frequência na liturgia, o que já aparece na Carta aos Hebreus: “Empenhemo-nos, portanto, *por entrar nesse repouso*, para que este exemplo de indocilidade não leve ninguém a cair” (Hb 4,11). Cabe já antecipar que este caráter da mística na liturgia foi resgatado pelo Concílio Vaticano II.

Por fim, a mística das comunidades primitivas tinha também um intenso caráter comunitário, pois, “além disso, desde o início ela assume a conotação eclesial, expressa principalmente pelo monaquismo”.¹⁷ Na primeira hora, o fato mais contundente e documentado se deu no início do século IV, lá pelo ano 304, quando, mais ou menos, quarenta cristãos da Abitínia (Tunísia), enquanto celebravam a Eucaristia, foram presos pelos soldados do imperador Dioclesiano. Resistindo ao interrogatório, foram todos martirizados, legando-nos uma das páginas mais belas do testemunho cristão, que vale como um testamento místico:

O primeiro dos mártires torturados, Télica, gritou: “Somos cristãos. Por isso, nos reunimos” [...]. Vitória, uma das cristãs, declarou: “Tudo o que eu

¹⁶ DEL GENIO, Mística, cit., p. 708.

¹⁷ Ibidem.

fiz, eu o fiz espontaneamente e por minha própria vontade. Sim eu participei da reunião e celebrei os mistérios do Senhor com meus irmãos porque sou cristã”. O presbítero Saturnino, experimentando as torturas em seu corpo, foi levado diante do procônsul, que lhe disse: “Você agiu contra as ordens dos imperadores, reunindo esta gente”. Saturnino, cheio do Espírito, respondeu ao procônsul: “Simplesmente celebramos o dia do Senhor, porque a celebração do dia do Senhor não pode ser omitida” [...]. Um outro cristão, de nome Emérito, levantou-se dizendo: “Eu sou o responsável, porque as reuniões foram celebradas em minha casa. E o fizemos porque o dia do Senhor não pode ser omitido [...]”. O procônsul perguntou-lhe: “Em sua casa fizeram essas reuniões? Por que você os deixou entrar? Porque são meus irmãos e não podia proibi-los [...], pois nós não podemos viver sem celebrar o mistério do Senhor”.¹⁸

Os mártires da Abitínia preferiram morrer a renunciar ao direito e dever de participar das reuniões litúrgicas, porque sabiam que não podiam viver de forma isolada a mística que lhes dava o sentido desta vida e a garantia da vida eterna. Em outras palavras, não existe mística na liturgia sem identidade eclesial.

Era esta mística que o Vaticano II precisava resgatar na liturgia: uma mística que funciona como a primeira leitura teológica da revelação e que proporciona o êxtase diante do Mistério celebrado, engajando solidamente o fiel na comunidade eclesial. Uma mística assim não aplica os esforços pastorais em obrigar os fiéis a participarem da liturgia, mas inicia-lhes na fé, de tal forma que se encantem com a liturgia e amadureçam para a participação ativa e autodeterminativa, tornando-se eles mesmos missionários que envolvem os outros nessa mesma experiência fundante da fé. É, portanto, uma mística que faz da celebração da fé uma resposta ao Cristo, que, quando se reuniu com seus Apóstolos para a ceia, disse-lhes: “*desejei ardentemente comer esta páscoa convosco, antes de sofrer*” (Lc 22,15). O *antes de sofrer* tem um sentido testemunhal que representa o desafio da missão. Isso descarta totalmente uma *teologia da prosperidade*, que faz da liturgia um trampolim para o enriquecimento material ou qualquer tipo de “oba-oba”. Jesus Cristo foi muito claro com os Apóstolos a esse respeito e não deixou de dizer em forma de experiência mística ao Apóstolo Paulo quanto ele devia sofrer em

¹⁸ Cf. *Acta de los mártires*, p. 75 (BAC 75).

sua missão: *“Eu mesmo lhe mostrarei quanto lhe é preciso sofrer em favor do meu nome”* (At 9,15). Portanto, só é capaz de enfrentar os desafios da missão, o que muitas se traduzem em sofrimentos e angústias, quem sabe se maravilhar diante da contemplação do Mistério que a liturgia possibilita.

Para falar do resgate desta mística pelo Concílio Vaticano II, convém ir à fonte onde ele começou, que é o Movimento litúrgico. Mas antes vamos dizer umas palavras sobre o Concílio de Trento e a consequente uniformização da liturgia.

3. TRENTO E A MÍSTICA DA UNIFORMIDADE?

Sabemos que quando Lutero, no século XVI, pôs à luz questões fundamentais sobre a Igreja e sua liturgia, havia um ambiente desfavorável ao diálogo, tanto na Igreja como na sociedade politicamente fragmentada. Nesse clima, uma discussão sensata pode facilmente degenerar em anarquia. Era preciso um Concílio forte que o impedisse. Esse concílio foi o Concílio de Trento.

A reação do Concílio de Trento, na sua grandeza histórica, foi demasiadamente preocupada com o controle de tal anarquia e a universalidade dogmática da Igreja e, por isso, instaurou e universalizou um formalismo litúrgico rígido para a celebração dos sacramentos da fé. Desta feita, a Liturgia era essencialmente pautada pela uniformidade ritual, que acabou sendo mais importante do que a experiência do Mistério. O presbítero que celebrava “direitinho” e, por isso era considerado piedoso, era aquele que cumpria todas as rubricas com perfeição. Como consequência, surgiu, então, a rubricística, que era a disciplina teológica que ensinava de modo científico as rubricas. Foi esta disciplina que dominou a formação litúrgica do clero.

Perguntamo-nos como se situaria São Felipe Neri (1515-1595), que viveu a maior parte do seu ministério antes da reforma de Trento. São Felipe Neri, quando celebrava a Missa, tinha frequentes êxtases. Conforme o tempo que dispunha para a Missa sem povo, às vezes uma manhã inteira, combinava com o sacristão que num determinado horário o tirasse do êxtase para terminar a Missa. Quando celebrava com a comunidade, o sacristão colocava ao lado do missal um livro de histórias cômicas que aconteceram com um tal Padre Arlotto. Ao sentir que o êxtase se aproximava, Filipe Neri lia algumas pequenas histórias, ria, saía do estado místico que o levaria ao

êxtase e terminava a celebração. As pessoas nem se davam conta, pois a missa, antes do Concílio Vaticano II, não era *versus populum*. Conta-se também que era comum que dois coroinhas o puxassem-no para baixo, para continuar a missa. Portanto,

a uniformidade rígida que conhecemos hoje na liturgia romana é um fenômeno relativamente recente, pois data do século XVI, tendo como causas próximas a descoberta da imprensa e a reforma do Concílio de Trento. Em toda a Idade Média há uma imensa variedade nas cerimônias religiosas, de tal modo que não é fácil encontrar dois livros litúrgicos exatamente iguais, a não ser evidentemente dentro da mesma tradição local.¹⁹

4. MOVIMENTO LITÚRGICO E O RESGATE DA MÍSTICA

Querendo ou não, a rubricística transfere o foco da celebração litúrgica para a validade jurídica da administração dos sacramentos e força a liturgia a se acomodar mais no campo da técnica do que da mística. Então, a liturgia perde o seu encantamento e passa a ser uma tarefa de obrigação religiosa, que, uma vez cumprida, libera o fiel para aquelas tarefas que lhe dão prazer e alegria. Essa perda de alegria pascal que só a liturgia pode oferecer era um elemento fundamental que precisava ser resgatado. Aí, então começa a ser gestado o Movimento Litúrgico, com a grandiosa figura de Abade Próspero Guéranger (1805-1875). Este homem apaixonado por Deus e pela liturgia da Igreja foi um farol que brilhou na noite escura de sua Abadia, Solesmes, que, por sua vez, representava a decadência da liturgia da Igreja. Solesmes estava ruindo por fora e por dentro, pois tanto o prédio como a comunidade estava caindo. A reforma que Dom Guéranger empreendeu teria parecido um ato de loucura se não fosse um ato de fé.²⁰ Foi a descoberta das riquezas

¹⁹ BRAGANÇA, J. O. *Liturgia e espiritualidade na Idade Média*. Lisboa: Universidade Católica, 2008, p. 62.

²⁰ "Nul ne peut se douter qu'une grande oeuvre commence. Tout est humble et misérable : les bâtiments délabrés, la petite communauté sans argent, sans éclat pour attirer les vocations et surtout sans expérience de la vie monastique. Son supérieur de vingt-huit ans n'en a lui-même qu'une connaissance théorique. L'entreprise paraît un acte de folie, si elle n'est un acte de foi": <http://www.abbayedesolesme.fr/FRhistoire/queranger.php?js=1> — Acesso em 10/05/2009.

espirituais e teológicas da liturgia romana que o ajudou a descobrir um novo horizonte na Igreja e na vida monástica.

O Abade Guéranger fez um copioso trabalho literário para mostrar sua descoberta em torno das riquezas espirituais e teológicas da liturgia romana. Isto está estampado em sua obra científica *Institutions liturgiques*²¹ e no seu precioso trabalho de cunho menos científico e mais de divulgação, *L'Année liturgique*.²² Mostrando a grandeza espiritual desta liturgia, Guéranger propõe a volta à liturgia romana pura como fonte de espiritualidade e de experiência de Deus. Propõe, na verdade, uma “restauração” da liturgia romana dos séculos IV a VII, não ainda uma reforma.

Ao descobrir as riquezas teológicas e espirituais da liturgia romana, Guéranger descobriu as riquezas da liturgia da Igreja. Isso foi também a “descoberta do mistério da Igreja, por meio da experiência espiritual desta mesma liturgia e da leitura assídua dos padres, artífices das primeiras formas litúrgicas romanas”.²³

O mais importante em tudo isso é que Guéranger

aprendeu também, com a própria liturgia e com os próprios padres, o que considerou a chave da compreensão dos textos bíblicos e ações simbólicas do culto da Igreja: a leitura cristã do Antigo Testamento e do Novo Testamento com o apoio do Antigo.²⁴

Como consequência, a Abadia de Solesmes passou a apresentar a liturgia mais rica da França, atraindo frequentemente centenas de pessoas. Era uma liturgia esteticamente perfeita, uma lição de beleza e fé. Até hoje os CDs da liturgia gregoriana de Solesmes são cobiçados. Paralelamente a isso, a comunidade adquiriu um vigor que perdura até hoje. Dá para imaginar como os meios financeiros foram aparecendo para restaurar o prédio que estava ruindo.

²¹ *Institutions liturgiques*. IV. Paris, 1878-1885.

²² *L'Année liturgique*. IV. Burgos, 1954-1956.

²³ GOENAGA, J. A. Vida litúrgico-sacramental da Igreja e sua evolução histórica. In: BOROBIO, D. *A celebração na Igreja*. V. 1. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990, p. 127.

²⁴ *Ibidem*, p. 127.

As críticas a Guéranger por ter instaurado um esteticismo litúrgico em Solesmes são injustas, pois a beleza é fundamental para fazer o aporte para Deus, e a experiência de cunho místico que uma liturgia assim proporciona desqualificada a crítica. Tratava-se antes de tudo da interiorização do culto da Igreja, que não vivia seu melhor momento naquela época.

A segunda grande figura do Movimento Litúrgico foi Dom Lambert Beauduin (1873-1960), monge beneditino da Abadia de Mont-César, Leuven. Foi homem de ação e não um pesquisador. Escritor famoso que deu continuidade à obra iniciada por Dom Guéranger, ao mesmo tempo em que a desenvolveu. Quis inspirar a piedade e a vida cristã no culto da Igreja, promoveu a participação dos batizados na liturgia. Com Dom Lambert, começa já um movimento de reforma litúrgica e não simplesmente de restauração.

Porém, a ciência litúrgica conquista seu lugar, e a reflexão da mística na liturgia ganha o seu *status* com os albos da Abadia de Maria Laach, sobretudo com a grande figura de Odo Casel (1886-1948). Segundo o Abade Salvatore Marsili, OSB, (1910-1983): “O mistério pascal ocupou e dirigiu toda a sua pesquisa e toda a sua vida, até marcar também a sua morte. Com efeito, ele morreu na Páscoa de 1948, quando entoava o ‘precônio pascal’ *Exultent divina misericórdia*”.²⁵ No entanto, Juan Javier Flores afirma: “No dia 28 de março de 1948, sofreu um infarto enquanto estava entoando o *Lumen Christi* da vigília pascal, e morreu na manhã de Páscoa”.²⁶

Foi a teologia do mistério que envolveu a vida deste grande homem dedicado totalmente à pesquisa da liturgia da Igreja e descobriu nela o “mistério” que faz das nossas celebrações uma experiência profundamente mística. O privilégio de morrer na Páscoa sela de forma especial nosso nascimento para Deus e nos configura ao Ressuscitado, que nos preenche com sua presença e seu amor já na liturgia terrena. Odo Casel²⁷ recupera aquilo que na Igreja antiga era natural, isto é, a presença memorial da obra salvífica de Cristo em seus mistérios.²⁸ É justamente daí que o Vaticano II vai recuperar a mística na liturgia, mediante a qual sentimos e somos de

²⁵ MARSILI, S. Teologia da celebração da eucaristia. In: AA.VV. A. *A Eucaristia*; teologia e história da celebração. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 60, nota de rodapé n. 60.

²⁶ FLORES, X. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 162.

²⁷ Está para ser lançado o livro *O mistério do culto no cristianismo*, pela Loyola.

²⁸ Cf. MARSILI, Teologia da celebração da eucaristia, cit., p. 61, citando na p. 61 BETZ, J. *Die Eucharistie in der griechischen Väter*. I/1, Friburgo, 1955, p. 247.

fato atingidos pela mesma salvação que se manifestava na comunidade apostólica. É essa mística que nos faz perceber a presença viva do Ressuscitado interagindo com a assembleia e com cada participante do começo ao fim da liturgia, como interagiu na liturgia dos discípulos de Emaús. Naquela Eucaristia dominical narrada por Lucas, o relato é tão plástico que nos faz sentir caminhando com eles e sentados à mesa para a fração do pão. Isso nos leva a pensar também que na mística da comunidade primitiva, auxiliada por uma liturgia onde reinavam a fé e o essencial, e nada faltava desse essencial, todos em volta da mesa sagrada, olhando-se como irmãos, depois que terminava a celebração, era possível que um perguntasse ao outro: “Você sentiu o mesmo que eu senti?”. O outro respondia: “Se você está falando da presença dele aqui entre nós, confesso que senti. Sim, eu a senti tão intensa como nos velhos tempos”.

Mais uma grande contribuição para a compreensão e a vivência da mística litúrgica vem de Romano Guardini (1885-1968). Em sua obra *O espírito da liturgia*,²⁹ publicada no Brasil em 1942, Guardini mostra a dimensão lúdica da liturgia, baseada em Pr 8,30-31: “*Eu estava junto com ele como o mestre de obras, eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo brincava em sua presença: brincava na superfície da terra, e me alegrava com os homens*”. A intuição genial de Guardini foi ver nestas palavras, justamente, a ação da liturgia, uma liturgia que encanta a Deus e alegra o coração dos homens. A partir daí, Guardini vai mais longe: compara a liturgia com a brincadeira de meninos, que brincam pelo prazer de brincar.³⁰ Uma liturgia que dá prazer a Deus e ao coração humano não pode ser uma ação rígida. Toda ação pedagógica que não tenha como finalidade a liturgia em si desqualifica nossas celebrações, porque indica motivações que transformam a liturgia numa espécie de trabalho em vista de algum interesse específico. Uma liturgia assim não tem êxtase nem pentecostes. Diz Guardini:

Tal é a magnífica realização que a liturgia nos oferece: arte e realidade unidas na infância sobrenatural diante da face de Deus. Aquilo que até agora só encontrávamos [...] no mundo da representação artística, a saber, as formas da arte como expressão da vida humana plenamente consciente, tornou-se

²⁹ GUARDINI, R. *O espírito da liturgia*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942.

³⁰ *Ibidem*, p. 82.

aqui realidade. Mas esta vida tem algo de comum com a da criança e a da arte: é livre de finalidade, embora plena do mais profundo sentido. Não é trabalho, mas jogo.³¹

Então, com Romano Guardini está recuperada a ideia de liturgia como um ato que dá prazer e nos envolve na alegria que o mistério pascal trouxe para a humanidade.

Esse também deveria ser o espírito que norteasse um concílio que viesse a ser celebrado na Igreja. Justamente foi este espírito que João XXIII imprimiu ao Concílio Ecumênico Vaticano II: espírito de aprofundamento tanto da doutrina cristã católica como da forma de enunciá-la em nosso tempo, mas, diante do erro, com o uso da misericórdia em vez da severidade. Para isto, convinha mostrar a validade da doutrina em vez renovar condenações.³² Por isso a Igreja Católica devia “mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade”.³³

5. O RESGATE DA MÍSTICA NA LITURGIA A PARTIR DO VATICANO II

Coube por designo de Deus que o primeiro texto discutido e aprovado pelo Concílio Vaticano II fosse a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. E quem lê o discurso de abertura de João XXIII e, em seguida, o próêmio da *Sacrosanctum Concilium*, parece estar lendo um texto em continuação, como o Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos: “O sagrado Concílio, propondo-se fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis [...], julga ser sua obrigação ocupar-se de modo particular também da reforma e do incremento da liturgia”.³⁴

A mística, enquanto nítida percepção de Deus, por meio de uma particular experiência do Mistério de Cristo, é resgatada pelo Concílio Vaticano II e por documentos posteriores em duas vertentes. A primeira é a assimilação

³¹ Ibidem, p. 83-84.

³² Cf. JOÃO XXIII, Discurso na abertura solene do Concílio. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II* (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997, p. 28.

³³ Ibidem, p. 29.

³⁴ SC 1.

das teses centrais do Movimento Litúrgico, e a segunda é a assimilação do espírito que João XXIII imprimiu ao Concílio.

As teses centrais do Movimento Litúrgico são encontradas na volta à liturgia com sua beleza essencial (Guéranger), na teologia do Mistério que opera a redenção (Odo Casel), no espírito lúdico que conduz a ação litúrgica à contemplação do Mistério (Guardini) e no enfoque teológico da pastoral litúrgica (Beauduin).

A postura de João XXIII abre possibilidade para a mística renascer na liturgia, na medida em que intui uma concepção de Igreja que a *Sacro-sanctum Concilium* chama de “Corpo Místico de Cristo”³⁵ e “Sacramento de Salvação”,³⁶ expressões que depois a *Lumen Gentium* vai aprofundar. Pelo fato mesmo de - no capítulo áureo, que é o primeiro capítulo, onde se explicita a natureza da liturgia -, antes de dizer o que é liturgia, a SC procurar dizer o que é Igreja, são estabelecidas as bases para o renascimento da mística na liturgia; pois *ecclesia*, no seu sentido primitivo, era um conceito litúrgico, já que tinha a ver a com a reunião litúrgica da comunidade. Os mártires da Abitínia preferiram morrer a renunciar ao direito e dever de participar de tais reuniões, porque bem sabiam que, se o fizessem, perderiam a identidade eclesial, tamanha é a importância do lugar que a liturgia ocupa na Igreja. Lugar que é definido como “cume para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana a sua força”.³⁷ Então a Igreja, que é uma comunidade mística, porque nela tudo está orientado para o transcendente [...]; “de tal modo que nela o humano é orientado ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, a realidade presente à futura cidade para a qual estamos caminhando”,³⁸ enquanto sacramento que brota do lado de Cristo perfurado na cruz, dá continuidade à obra da redenção, “especialmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão”,³⁹ mistério que é essencialmente celebrado na liturgia.

³⁵ SC 7; LG 7.

³⁶ SC 2.

³⁷ SC 10.

³⁸ SC 2.

³⁹ SC 7.

O Concílio deveria, portanto, mostrar a profundidade da liturgia e sua importância como obra salvífica aplicada em nosso tempo, em vez de emitir normas rígidas ⁴⁰e renovar condenações. Já era hora de mostrar que se participa da liturgia não por obrigação, mas pelo prazer do encontro com o Ressuscitado, que nos diz hoje: “*Desejei ardentemente comer esta páscoa antes de sofrer*” (Lc 22,15). Então, por meio da liturgia, a Igreja generosamente oferece o que ela tem de melhor, que é a salvação em Cristo: “*Eu não tenho ouro nem prata, mas dou-te aquilo que tenho: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda*” (At 3,6).

Neste ponto, a SC faz uma fantástica recuperação da sacramentalidade da liturgia, quando afirma sem rodeios a presença de Cristo nas ações litúrgicas.⁴¹ Isso significa que do início ao fim da liturgia o Cristo é o Ator invisível que dá vida a todos os sinais sensíveis com os quais a liturgia simboliza e exerce a função sacerdotal de Jesus envolvendo todo o corpo místico, isto é, o Cristo Cabeça e a assembleia litúrgica.⁴² Aí acontece a comunhão entre a liturgia celeste protagonizada por Cristo e a liturgia terrestre celebrada sacramentalmente pela humanidade, cabendo sempre a iniciativa à Cabeça, que é Cristo, e não a nós.⁴³ Esta imagem da liturgia celeste realizando-se na liturgia terrestre coroa a sacramentalidade da liturgia; pois permite em todos os sinais simbólicos da liturgia terrestre uma leitura transcendente, além de mostrar o todo da liturgia. Por exemplo, a oração eucarística, que é um todo no segundo milênio, foi dissecada em suas partes e, por isso, se deu tal destaque ao seu miolo, a consagração, que este parece estar separado do resto. Segundo Cesare Giraudo, essa mudança de metodologia pode ser comparada a “um relojoeiro desajeitado que, querendo descobrir o funcionamento de um relógio perfeito, desmonta-o peça por peça e não repara que, pelo desejo ardente de compreender, imobilizou o mecanismo que revela seus segredos”.⁴⁴

⁴⁰ SC 37.

⁴¹ SC 5.

⁴² SC 7.

⁴³ Isso recorda o livro de CORBON, J. *Liturgia fundamental; misterio — celebración — vida*. Madrid: Palabra, 2001.

⁴⁴ GIRAUDO, C. *Redescobrimo a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 8.

6. A MÍSTICA DA PARTICIPAÇÃO ATIVA

Na metáfora do “Corpo Místico” está colocada a base teológica da participação litúrgica. Conceituando a Igreja como um Corpo Místico que celebra a ação sacerdotal de Cristo, é um pecado não envolver toda a assembleia como num corpo físico, onde cada membro responde ao conjunto de todos os estímulos corporais, sejam de dor ou de alegria. Essa dimensão eclesial, no seu sentido pastoral, vai ser aprofundada na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. Não pode haver, portanto, na liturgia uma cabeça ativa e um corpo passivo. Daí a necessidade também, além da eterna disposição de Cristo, das disposições pessoais dos fiéis para o envolvimento no o mistério celebrado.⁴⁵

Em consequência das afirmações anteriores, que são básicas para o resgate da mística na liturgia, surge a imperiosa necessidade de promover a formação litúrgica em vista da participação ativa em todos os níveis, para que todos sejam imbuídos do “espírito da liturgia”.⁴⁶ Para isso, a reforma geral da liturgia é uma proposta de restauração da “nobre simplicidade” do rito litúrgico (As cerimônias resplandecem de nobre simplicidade)⁴⁷ e de adaptação do culto da Igreja aos nossos tempos, de modo a favorecer a participação ativa de todos os fiéis no mistério celebrado. No primeiro objetivo, vemos o sonho de Dom Guéranger, que certamente terá aplaudido do céu. No segundo, o desafio da inculturação litúrgica a favor da participação mística, pois, como já dissemos, a mística é a experiência do Mistério pela via da participação. E isso se faz pelo caminho simbólico, que é necessariamente cultural.

7. UMA MÍSTICA EXTÁTICA E NÃO ESOTÉRICA

Se os textos e as ações litúrgicas não são acessíveis à maioria da assembleia celebrante, então se pode falar de uma mística esotérica experimentada por um grupo seletivo que participa ativamente, deixando a maioria numa assistência passiva. Não era assim que a Igreja primitiva vivia a experiência de Deus por meio da liturgia. Sua mística não tinha nenhum caráter esotérico, mas sim extático. A palavra êxtase significa em primeiro

⁴⁵ SC 11.

⁴⁶ SC 14; 16.

⁴⁷ SC 34.

plano: *arrebatamento íntimo, enlevo, encanto*. Então, era uma liturgia que extasiava, isto é, enlevava e encantava, porque conduzia ao Mistério. A mística extática engaja o místico em todos os significados da liturgia e o leva à difícil missão de comunicar o “indizível”. Apesar de usar o vocabulário da teologia apofática, o qual tem na sua essência o caráter negativo (Deus é *indizível, inefável, inacessível* etc.), a mística extática, aceitando que Deus se dá, ousa aventurar-se em busca de uma linguagem que o comunique, considerando que esta linguagem na liturgia é um fenômeno pentecostal (At 2,1-11); pois é uma linguagem divina, expressa pela semelhança de línguas de fogo provindas do Céu, que se apoderam da linguagem humana criando a comunicação horizontal. O caso mais ilustrativo é a visão mística que Teresa d’Ávila teve das três pessoas da Santíssima Trindade, durante a liturgia. A partir daí, ela passou a exercitar com mais propriedade o discurso sobre o dogma trinitário. Uma experiência mística de tal ordem provoca também uma iluminação no intelecto e produz uma linguagem que resgata o Todo nos fragmentos da linguagem humana.

Então, podemos dizer que desde o início, a SC busca uma liturgia que resgate todo o potencial místico das nossas celebrações. Para isso, há de ser uma liturgia que focalize mais a obra da redenção do que a miséria do pecador. Em outras palavras, uma liturgia que trate da “preocupação última” do ser humano e não das preocupações preliminares,⁴⁸ focalizando a totalidade da realidade humana, a estrutura, o sentido e o alvo da existência, ou seja, aquilo que determina o seu destino último para além de todas as necessidades e acidentes preliminares. É uma liturgia, enfim, que mergulha no mistério da salvação e engaja o homem que luta entre o ser e o não ser numa vida sem ambiguidades, que, embora seja promessa escatológica, pode ser experimentada como antecipação na celebração do Mistério de Cristo.

Assim, os primeiros capítulos da SC são basilares para a compreensão do resgate na mística na liturgia. Se, no dizer de Silesius, a mística é a capacidade de ver Deus agora, a liturgia é o lugar por excelência da mística. Ela expressa de forma plena o mistério de Cristo e leva os fiéis a

⁴⁸ Por preocupações preliminares, podemos entender aqui aquilo que Guardini chama de “ações pedagógicas” introduzidas na liturgia para chegar a outros fins que não a própria liturgia. Em grupos de engajamento político mais consciente, a liturgia pode ser usada pedagogicamente para conscientização política; nos grupos pastorais acontece o mesmo, como por exemplo a pastoral do dízimo etc.

expressá-lo na vida. O místico é por excelência aquele que vive como se visse o “Invisível”. Outra coisa não se busca na liturgia senão, por meio dos seus sinais sensíveis, o encontro com o Ressuscitado, que desde o evento da Ascensão não se comunica aos Apóstolos diretamente pelos sentidos do corpo, pois “uma nuvem o ocultou de seus olhos” (At 1,9). No entanto, ele está tão presente em nosso meio como a nossa própria respiração. É na liturgia que a sua presença se faz notável, como bem o expressou São Leão Magno: “*Tudo o que era visível do nosso Redentor passou para os sacramentos da Igreja*”.⁴⁹

Se outros documentos posteriores ao Concílio foram necessários para esclarecer o sentido da reforma litúrgica,⁵⁰ é porque os capítulos finais da SC não têm a densidade dos iniciais. E como eles são as propostas práticas do que foi exposto no início e, não contendo uma teologia à altura, podem-se esperar os problemas que enfrentamos até hoje em nossas práticas litúrgicas. É tanto que José Antonio Goenaga, que junto com Xavier Basurko, escreve um excelente texto intitulado “a vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica”, faz a seguinte avaliação dos números finais da SC:

Nos capítulos da música e da arte, devemos lamentar a ausência de uma teologia da expressão artística. Os membros das comissões e os padres sinodais talvez não tenham dado o devido destaque à música, ao canto e à arte como atividades simbólicas fundamentais na ação simbólica por excelência que é a liturgia. Desse ponto de vista, esses capítulos não são apêndices à constituição, mas partes desta.

⁴⁹ *Sermo 2 De Ascensione*. PL 54, 398, citado por COSTA, V. S. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*; a participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 93.

⁵⁰ PAULO VI. *Motu proprio Sacram Liturgiam* (1964). In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 82-88; PAULO VI. *Carta Encíclica Mysterium Fidei sobre o culto da Sagrada Eucaristia* (1965). São Paulo: Paulinas, 1965. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *A liturgia romana e a inculturação: IV instrução para uma correta aplicação da constituição conciliar sobre a liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1994; JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja* (2003). São Paulo: Paulinas, 2003; CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Redemptionis sacramentum sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da santíssima Eucaristia* (2004). São Paulo: Paulinas, 2004; BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja* (2007). São Paulo: Paulinas, 2007.

Lembramos aqui, ademais, que, no capítulo VI, pouco se diz acerca do conteúdo daquilo que se deve cantar nas celebrações. Aqui entra em jogo, de uma ou de outra maneira, o princípio *lex orandi lex credendi*, talvez, com mais vigor do que em outras partes da liturgia, visto que o canto é uma das mais profundas expressões do homem. Hoje se monta com frequência “outra liturgia” sobre a liturgia da Igreja, com os cantos incluídos em profusão. Paulo VI afirmava, depois do concílio: o tema da música sacra “requer uma ampla reflexão”.⁵¹

Essas colocações nos lembram que na liturgia russa o canto é considerado elemento indispensável. Ele comove profundamente o povo. Sua função é fazer do nosso coração o templo do Senhor, e do nosso espírito o seu altar. Assim, a beleza litúrgica é uma preparação para a oração superior do coração.⁵²

É notório que a delicadeza e a leveza do rito reformado, em muitas circunstâncias, não foram levadas em consideração. Por exemplo, as rubricas da narração eucarística da missa manifestam claramente esta leveza a respeito do comportamento ritual do presbítero celebrante: “*Inclina-se levemente, toma o pão, mantendo-o um pouco elevado sobre o altar, toma o cálice nas mãos, mantendo-o um pouco elevado sobre o altar*”.⁵³ O que está em jogo aqui não é superficial: é a mística da entrega e não do domínio sobre o rito por meio da perfeita aplicação das rubricas. São duas posturas antagônicas. A postura da entrega ritual implica vivência mística do rito envolvendo corpo, mente e espírito, o conhecimento profundo do seu sentido teológico, que saberá também não marginalizar as rubricas, uma atitude tranquila e serena nos gestos e palavras. Já a atitude de controle rubricístico denota muito mais uma tendência nervosa de controlar o rito, como que a “pegar o boi pelo chifre”. Isto remonta à dificuldade do ser humano em confiar em Deus (atitude de fé) e deixar-se envolver inteiramente pelo seu mistério (atitude de entrega). O pecado original constitui a competição entre a bondade do homem e a bondade do Criador, porém a bondade humana é essencialmente ambígua. Somente a entrega a Deus, que é a bondade sem ambiguidade, pode nos libertar da

⁵¹ GOENAGA, A vida litúrgico-sacramental da Igreja, cit., p. 145.

⁵² Cf. ŠPIDLÍK, T. Mística russa. In: BORRIELO, et al., *Dicionário de mística*, cit., p. 748.

⁵³ Missal Romano, narração eucarística dos onze formulários de missa presente no missal brasileiro.

ambiguidade. A dificuldade é atingir uma fé que represente “o estado de ser possuído pela Presença Espiritual e aberto à unidade transcendente da vida sem ambiguidade”.⁵⁴ Paul Tillich traduz isto como “a coragem da fé”, na qual o homem desiste da própria bondade e mergulha na bondade de Deus:

A coragem de entregar nossa própria bondade a Deus é o elemento central na coragem da fé. Nela o paradoxo do Novo Ser é experienciado, é vencida a ambiguidade de bom e mau, e a vida sem ambiguidade terá se apoderado do homem através do impacto da Presença Espiritual. Tudo isso é manifestado através da imagem de Jesus, o Crucificado.⁵⁵

Então a fé não é resultado de nenhuma função mental humana. “Não pode ser criada pelos processos do intelecto ou por esforços da vontade ou por movimentos emocionais”.⁵⁶ Tudo isso está incluído na fé, mas ela mesma é o resultado transcendente da nossa entrega a Deus, que se entregou livremente por nós na cruz, para que nós nos entregássemos livremente a ele aos pés da cruz.

Por fim, poderíamos dizer que a metáfora da liturgia como cume e fonte da vida da Igreja⁵⁷ ressalta três virtudes que não poderiam faltar para o resgate da mística na liturgia: o silêncio, a beleza, a autoentrega. Tanto na fonte como no cimo da montanha, o silêncio, a beleza e a autoentrega são paradigmáticos. E uma forma de mostrar que o ato litúrgico por excelência é a sua própria comunicação. Tem que falar por si mesmo. Esta é a intuição mais fecunda da reforma do Concílio Vaticano II. É nesta perspectiva que podemos entender a recomendação que faz o Missal Romano a respeito do silêncio.⁵⁸ No filme *Antes de partir*,⁵⁹ há um diálogo entre o ator protagonista

⁵⁴ TILLICH, *Teologia sistemática*, cit., p. 485.

⁵⁵ Ibidem, p. 557.

⁵⁶ Ibidem, p. 487.

⁵⁷ SC 10.

⁵⁸ A liturgia da palavra deve ser celebrada de tal modo que favoreça a meditação; por isso deve ser de todo evitada qualquer pressa que impeça o recolhimento. Integram-na também breves momentos de silêncio, de acordo com a assembleia reunida, pelos quais, sob a ação do Espírito Santo, se acolhe no coração a Palavra de Deus e se prepara a resposta pela oração. Convém que tais momentos de silêncio sejam observados, por exemplo, antes de iniciar a própria liturgia da palavra, após a primeira e a segunda leitura, como também após o término da homilia.

Terminada a distribuição da Comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio (cf. IGMR 88).

⁵⁹ *The bucked list*, capítulo 17.

Carter e uma mulher, que ilustra e evoca de uma forma plástica a natureza do silêncio do cume da montanha. O tema do diálogo é a experiência no topo do Himalaia:

- Eu já estive lá em cima.
- É mesmo?
- Durante o dia, o céu é mais negro que azul. Não tem ar suficiente para refletir a luz do sol. Mas à noite fica salpicado de estrelas. Parecem tão próximas e brilhantes! É como se o firmamento fosse um chão de estrelas.
- Você ouviu?
- Ouviu o quê?
- Li o relato de um homem que chegou ao cume, e lá em cima do topo do mundo vivenciou um silêncio profundo, como se todo o som tivesse desaparecido. E foi quando ele ouviu o som da montanha. Ele disse que foi como ouvir a voz de Deus.

CONCLUSÃO

Então, já concluindo, vamos retomar o discurso sobre o resgate da mística na liturgia a partir do Concílio Vaticano II. A oração litúrgica deve refletir esta postura de entrega; motivando-nos tal confiança é que quebramos as nossas resistências e, de coração alquebrado, nos deixamos pousar nas mãos de Deus. Para isso, o rito tem que ser: claro, fácil, leve, belo e profundo. Tem que ser um convite à entrega e não à disputa agressiva de controle, como um ato desesperado de mostrar a bondade humana, o que impede de sermos completamente dominados pela beleza divina que o rito expressa. Não somos nós que devemos controlar o rito, mas ele sim deve nos possuir e nos conduzir ao coração do mistério. Portanto, não se trata tanto de saber fazer o rito, mas de vivê-lo em todo o seu potencial extático. Como diz Paul Tillich, “O Espírito Divino aparece no êxtase do espírito humano”.⁶⁰ Sem êxtase não há transcendência, sem transcendência não há autêntica imanência. E também não há engajamento social e

⁶⁰ TILLICH, *Teologia sistemática*, cit., p. 594.

transformador a partir da fé. Sobra somente o cansaço. Aí está o cerne do que a *Sacrosanctum Concilium* chama de “participação litúrgica”.⁶¹ E esse aspecto, infelizmente, abandonou a liturgia por séculos e, graças a Deus, passou a habitar as manifestações da piedade popular. Quando equivocadamente, no pós-concílio, foram marginalizadas as manifestações da piedade popular e as pessoas sentiam enorme saudade, foram os santuários que acolheram as multidões sedentas de Deus. O Concílio bem o disse que a piedade popular não perdia o seu espaço na fé da Igreja,⁶² mas desejava que a liturgia da Igreja fosse sua principal fonte. Acabou que nem a liturgia renovada conseguiu manifestar sua mística extática, nem a piedade popular conseguiu reconquistar o seu espaço e trazer o elo da transcendência. E o perigo está na volta ao rubricismo, se não ao próprio rito anterior à reforma como uma forma de chorar as cebolas do Egito. Há também o perigo de substituir o êxtase da liturgia por uma espécie de *show* ou outros modismos.

A partir da década de 1980, autores apontam falhas na interpretação da SC, sobretudo em relação a dois textos que mais provocaram equívocos de compreensão:

O texto e as cerimônias devem ordenar-se de tal modo, que de fato expressem mais claramente as coisas santas que eles significam e o povo cristão possa compreendê-los facilmente na medida do possível (SC 21).

As cerimônias resplandeçam de nobre simplicidade, sejam transparentes por sua brevidade [...], acomodadas à compreensão dos fiéis e, em geral, não careçam de muitas explicações (SC 34).

Goenaga faz uma avaliação muito consciente desta questão, afirmando que houve um enfoque exagerado ou até equivocado na leitura destes dois textos:

As instruções conciliares de simplificação ritual eram necessárias, para revisar uma liturgia anquilosada havia séculos. Mas as fórmulas empregadas não foram felizes ou foram objeto de

⁶¹ A esse respeito, ler COSTA, *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*, cit.

⁶² SC 9.

mal-entendidos no ambiente dessacralizador do primeiro decênio do pós-concílio. Os textos ensejaram “celebrações” descuidadas de sua riqueza ritual, com pretensões de clareza, fácil compreensão, adaptadas, como se dizia à capacidade intelectual dos fiéis, didáticas em termos de fé (temáticas) e moralizantes no tocante ao sinal religioso e humanista. Os textos citados facilitaram a interpretação racionalista da liturgia, que prejudicou a esta consideravelmente. Porque a liturgia é antes de tudo simbólica; por isso, não se entende ou se explica tanto como se percebe; ela não é tanto didática e moralizante quanto celebrativa.⁶³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja (2007)*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BRAGANÇA, Joaquim O. *Liturgia e espiritualidade na Idade Média*. Lisboa: Universidade Católica, 2008.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia. In: *DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 33-79.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Redemptionis sacramentum sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da santíssima Eucaristia (2004)*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *A liturgia romana e a inculturação*; IV instrução para uma correta aplicação da constituição conciliar sobre a liturgia. São Paulo: Paulinas, 1994.
- CORBON, Jean. *Liturgia fundamental*; misterio — celebración — vida. Madrid: Palabra, 2001.
- COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*; a participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- DEL GENIO, M. R. *Mística (notas históricas)*. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003, p. 706-714.

⁶³ GOENAGA, J. A. Vida litúrgico-sacramental da Igreja e sua evolução histórica. In: BOROBIÓ, *A celebração na Igreja*, cit., p. 138.

- FLORES, Xavier. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 162.
- GIRAUDO, Cesare. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- GOENAGA, José Antonio. Vida litúrgico-sacramental da Igreja e sua evolução histórica. In: BOROBIO, Dionísio. *A celebração na Igreja*; V.1. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo Loyola, 1990.
- GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942.
- HUOT DE LONGCHAMP, Max. Mística. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1161-1169.
- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja (2003)*. 5ª edição. São Paulo: Paulinas, 2003.
- JOÃO XXIII. Discurso na abertura solene do Concílio. In: *DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 21-32.
- MARSILI, Salvatore. Teologia da celebração da eucaristia. In: AA.VV. *A eucaristia; teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- PAULO VI. *Carta Encíclica Mysterium Fidei sobre o culto da Sagrada Eucaristia (1965)*. São Paulo: Paulinas, 1965.
- PAULO VI. Motu próprio Sacram Liturgiam. In: *DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 82-88.
- ŠPIDLÍK, T Mística russa. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 3ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- VANNINI, M. Silesio, Ângelo. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003, p. 907.
- VERGOTE, A. Equivoques et articulations du sacré. In: CASTELLE, E (ed.). *Le care; études et recherches: Actes du Colloque international de Rome*. Paris: s.n., 1974.